O FIM DO MUNDO NO LIVRO DE DANIEL:
A ESPERANÇA DO NOVO

Ágabo Borges de Sousa

Introdução

Quando falamos em "apocalipse" nos vem em mente uma grande catástrofe que resulta no fim do mundo. Por isto ligamos nosso tema ao apocalipse de Daniel, que é um dentre outros apocalipses no contexto palestino do período pós-exílico tardio. A despeito do que muitos pensam o movimento apocalíptico não pretende destacar simplesmente a destruição do mundo, como um evento que leva toda existência ao niilismo. Ele pretende apregoar a esperança diante da desesperança da história.

A literatura apocalíptica não é a literatura do horrendo, mas da esperança, pois se trata da ação de Deus na história libertando a história dos poderes desumanizadores. Portanto esta literatura não fala simplesmente do fim da criação, mas da restauração da criação, restabelecendo as relações humanizadoras propostas por Deus ao mundo.

Desta maneira gostaríamos de ler o livro de Daniel, que é o único livro apocalíptico no Antigo Testamento. Teremos porém como base de nossa leitura o Daniel canônico, ou seja, o texto massorético (hebraico e aramaico), e não a parte deuterocanônica, ou seja, os textos da "Oração de Azarias e o Hino dos três Jovens" (3,24-90), "Susana" (13) e "Bel e o Dragão" (14) (em grego) da Septuaginta.

1. O contexto de Daniel

O contexto histórico de Daniel é algo que tem causado muita discussão entre os estudiosos. Muitos querem ler o livro de Daniel no contexto da Babilônia debaixo do reinado de Nabucodonosor e seu sucessor Belssazar.[1]

Este é porém o contexto histórico distante, no que concerne à redação final do livro. A menção ao período exílico está no contexto dos "contos de corte" (Dn 2–6), que foram trazidos pelos retornados e serviu como uma espécie de código para se criticar o sistema opressor dos poderes da época dos Macabeus, ou seja, o século II aC.[2]

Há elementos importantes, para a datação da redação no período bem posterior ao exílio babilônico. Podemos destacar a identificação do pequeno chifre, que surge de maneira ilegítima, que muda arbitrariamente o "tempo" (período de festas) e a "lei"

1. Por exemplo, MESQUITA, *Estudo no Livro de Daniel*, 3ª edição, Juerp, Rio de Janeiro, 1986, p. 9.

2. Compare: ALBERTZ, *Der Gott des Daniel. Untersuchungen zu Daniel 4-6 in der Septuagintafassung sowie zu Komposition und Theologie der aramäischen Danielbuches*, Stuttgart 1988.

(Dn 7,8.25), com Antíoco IV. Pois ele consegue usurpar o poder do reino selêucida e é ele que baixa um decreto religioso em 168/7 aC helenizando o culto no santuário jerusalêmico (Dn 8,9.11.13 compare ainda 9,27; 11,21.31).[3]

Além destes fatores históricos e suas menções internas, há ainda fatores formais que fortalecem esta teoria, como por exemplo o conhecimento grego, nos moldes do grego usado no período macabeu, haja vista que na antiga história babilônica e persa o grego era desconhecido. A língua bem como a linguagem usadas no livro são de uma época mais tardia ao período exílico. Grande parte do livro de Daniel está escrita em aramaico (Dn 2,4b-7), uma língua que só aproximadamente em 400 aC começou a surgir e que no período dos Macabeus era a língua de comunicação comum. Além do aramaico temos no livro de Daniel um hebraico cujas expressões e estrutura pertencem a um período bem mais tardio ao período exílico.[4]

As recentes pesquisas têm relativizado bastante a chamada "teoria macabéia", que localiza o livro historicamente no período dos Macabeus. Como exemplo disto temos o trabalho recente do exegeta alemão Rainer Albertz. Albertz parte da influência grega sobre os textos, especialmente aramaicos, de Daniel e faz um trabalho minucioso de comparação da LXX (tradução grega) com o Texto em aramaico, chegando à conclusão de que o texto aramaico – que é considerado a parte mais antiga do livro – está baseado em uma versão mais antiga ainda, que originalmente teria sido "contos de corte" (Court-Tales / Hoferzählung) escritos em grego. Estes escritos poderiam ser a fixação de contos originários do período babilônico, oralmente mantidos na tradição do povo. Os "contos de corte" teriam sido colecionados e passados para o aramaico em um período pós-exílico, facilitando assim o acesso e a manutenção desta tradição vinda da experiência do 'cativeiro babilônico', sendo então retrabalhados em uma redação final mais ou menos no século II aC.

2. A compreensão da História

Quando pensamos em fim do mundo, normalmente temos em mente a destruição da matéria, das coisas, do globo terrestre. Esta talvez não seja a idéia no apocalipse de Daniel. Parece-me haver uma maior preocupação com a história, enquanto conteúdo do tempo, por isto nos voltaremos um pouco a esta compreensão.

A primeira menção sobre o "fim dos dias" em Daniel nós a encontramos em 2,28.[5] Quando o rei Nabucodonosor quer a interpretação de um sonho, do qual sequer menciona o conteúdo, Daniel, que é apresentado como um sábio (2,13), recebe em visão a revelação do Deus do céu, tornando-se conhecedor do conteúdo deste sonho (2,19).

3. Veja: NOTH, A Concepção de História no Apocalipsismo do Antigo Testamento, em: *Apocalipsismo, Coletânea de Estudos*, Editora Sinodal, São Leopoldo 1983, p. 96.

4. KOCH, *Das Buch Daniel* (Erträge der Forschung 144), Darmstadt 1980.

5. É importante observar que esta é a única vez que a palavra *'aharît* é usada na parte aramaica de Daniel. A tradução com "fim, último" pode ser questionada, pois pode significar também "resultado, depois de, futuro, sucessor". Ela surge na parte hebraica de Daniel em 8,19.23; 10,14; 11,4; 12,8. Compare: RICHARD, O Povo de Deus Contra o Império. Daniel 7 em seu Contexto Literário e Histórico, *RIBLA* 7 (1990), Vozes, p. 22-40.

Tratava-se de uma grande estátua, cuja composição era de material distinto, cujo valor e resistência era cada vez menor. Sua cabeça era de ouro fino, peito e braços de prata, ventre e coxas de bronze, pernas de ferro e pés de uma mistura de barro com ferro.[6] Uma pedra entra em movimento sem a ajuda de mãos (2,34), destruindo a estátua e se tornando grande a ponto de encher a terra (2,35).

Na interpretação encontramos a identificação de cada uma destas partes como sendo um reino e a pedra como sendo um movimento que levanta um novo reino, destruindo os anteriores, sendo estabelecido pela autoridade do "Deus do céu".

É desta maneira que a história é compreendida neste capítulo de Daniel, ou seja, marcada por reinos, poderes mundiais, que exercem o domínio. Neste caso a história é una com uma tendência negativa. O aspecto negativo é ressaltado não somente na qualidade do material, mas na atitude opressora dos poderes mundiais. Enquanto a cabeça de ouro foi estabelecida pelo "Deus do céu" (2,37-38), o ferro é um poder impiedoso e destruidor (2,40). Esta idéia também a encontraremos no capítulo 7.[7] Ali temos mais uma vez a história a partir da manifestação de poderes.

A ordem de sucessão dos reinos não representa uma ordem cronológica rígida, pois não considera o Egito e a Assíria entre os impérios mundiais, apesar de seus importantes papéis na história antiga. Considerando a localização da figura de Daniel no reino Babilônico e as afirmações de 2,29.45, que expressamente apresentam como interesse relatar o que "há de suceder no futuro", não é de estranhar que a ordem tenha Nabucodonosor no início. A apresentação dos demais reinos porém chama a atenção, pois os Medos (cap. 6; 9,1) e os Persas (6,28; 10,1) são apresentados como grandezas distintas e além disto o reino medo coexistiu com o reino babilônico. Por isto não podemos falar de uma ordem cronológica rigorosa, mas de uma sucessão de poderes que formam uma unidade histórica.

No capítulo 7 Daniel tem uma visão de quatro animais estranhos, que subiam das profundezas dos mares. Sem dúvida a menção do mar nos remete ao tempo mais primitivo da história, pois lembra as águas caóticas das narrativas de criação do Antigo Oriente. Mas mesmo assim não se dá importância a uma fidelidade histórica, nem cronológica.

O primeiro dos animais lembrava um leão, que tem características humanas, pois é colocado ereto sobre a terra e recebe um coração de homem (7,4). Esta descrição lembra o reino babilônico e a experiência de Nabucodonosor em 4,28-34; o segundo parece um urso, já não é destacada nenhuma característica humana e é apresentado como um carnívoro, que devora muita carne (7,5); o terceiro lembra um leopardo, e pouco se fala de sua atitude, apenas que foi-lhe dado domínio, mas sua figura é terrível,

6. Podemos entender estes reinos como: Ouro = reino babilônico; prata = reino medo; bronze = reino persa; ferro = o reino de Alexandre; e mistura de ferro com barro = a divisão do reino alexandrino. O mesmo será com a compreensão dos animais.

7. Veja SOUSA, Ágabo B., A Figura de "um como um Filho de um Homem" em Daniel 7, *Estudos Bíblicos* 52 (1996), Vozes, p. 70-77.

tendo quatro asas e quatro cabeças (7,6); o quarto animal é ainda mais horrendo, pois sequer tem comparação como os anteriores. Ele é descrito apenas como "animal terrível", que tinha um enorme poder destruidor – dentes de ferro – e exercia este poder; era pior que todos os animais anteriores (7,7-8).

Esta sucessão de animais nos mostra mais uma vez uma visão pessimista do desenrolar da história, que é compreendida a partir dos poderes mundiais, pois eles são os marcos dos diversos momentos históricos (7,13). Esta história, que também é marcada pelo sofrimento do povo, se desenrola em uma direção cujo ponto de chegada (Dn 8,23; 11,40) se caracterizará não somente pela destruição dos poderes opressores, mas também pela mudança radical da realidade.

É importante ressaltar aqui que no livro de Daniel não há um claro dualismo entre "este tempo" e o "tempo vindouro", o dualismo está entre os reinos do mundo e o reino do "Messias" estabelecido por Deus.[8]

3. A Proposta de Esperança

O movimento apocalíptico em Daniel lê a história na perspectiva de quem sofre debaixo dos poderes desumanos e desumanizadores. O horrendo não é a destruição ou o estabelecimento de uma nova ordem na história, mas o presente vivido pelo povo de Deus.

Em 2,28, antes da apresentação e interpretação do sonho da grande estátua, o autor usa a expressão "fim dos dias" ou "depois dos dias", que pode ser compreendido como "o destino para o qual se dirigem os dias". O rio da história desembocaria em um ponto específico, que seria então relatado. O relato deixa claro que a destruição dos reinos levava à instituição de um reino que não seria destruído, pois seria estabelecido pelo "Deus do céu". Portanto, o que caracteriza o "fim dos dias" não é a destruição do mundo, mas o estabelecimento de um novo reino pelo próprio Deus.

Dn 7,22 nos deixa esta mesma idéia quando diz: "... e chegou o tempo e os santos possuirão o reino". Aqui também o "fim" é na verdade o começo de uma nova ordem de poder, quando os santos assumem o poder, humanizando as relações desumanizadas pelos poderes do presente.

Os capítulos 8–12 usam dois termos para designar o fim. Um deles já foi mencionado: traz a idéia de 'fim' enquanto "resultado, depois de, futuro, sucessor"; o outro termo para 'fim' nos remete à idéia de "sair, acabar". Podemos dizer que o "fim do tempo" escatológico segue o "fim do tempo" da história presente.

"E disse: Eis que te farei saber o que há de acontecer no 'tempo depois' da ira, pois isto pertence ao 'fim do tempo marcado'".

O tempo escatológico é o tempo depois do tempo histórico, o que distingue sobretudo um do outro é aquilo que há de ser estabelecido. Pois será vencida a história

8. Compare ainda PREUSS, *Theologie des Alten Testament II: Israels Weg mit JHWH*, p. 303.

da opressão, do sacrifício, da destruição. É no cúmulo dos acontecimentos, quando o pior ainda acontece (8,23-24), que aparece a esperança de que as coisas podem ser transformadas no tempo, quando a relação com o sagrado será restabelecida em favor dos 'santos', dos pisados (8,13-14).

O tempo escatológico é o tempo da esperança de que o "santuário seja purificado", não seja mais 'pisado'.

4. O Fim escatológico-apocalíptico

A partir do que vimos podemos dizer que o 'fim' apocalíptico segundo Daniel representa, não o término de todas as coisas, mas um início baseado em um novo princípio distinto do príncipe regente. A base deste 'novum' na história é a vontade do Altíssimo, que por seu domínio estabelece uma ordem inversa à existente. Ele coloca um dos mais baixos na mais alta posição (4,17), faz o regente descer das nuvens e não subir do mar (7,3.13), estabelece um reino humanizado (7,13) e não animalesco (7,3-8). Com isto é posto um fim no sofrimento dos 'santos'. As forças destruidoras serão vencidas, mas o 'seu povo' será liberto. O fim escatológico é a libertação do povo de Deus (12,1).

Uma outra característica do 'fim' apocalíptico em Daniel é que este 'fim' não poderá ser conhecido antes de seu momento. Temos aqui o questionamento de Daniel em 12,9: "qual será o fim destas coisas?" ("o que será depois disto?") e a resposta a este questionamento em 12,9: "vai-te, Daniel, porque estas palavras estão cerradas e seladas até o tempo do fim". Este é o segredo que só poderá ser revelado quando o tempo chegar a seu desfecho. Bem-aventurado é aquele que espera e alcança o tempo determinado (12,12). Neste ponto encontramos o sentido último da literatura apocalíptica, a motivação à esperança. A felicidade na história do sofrimento do povo está na esperança de que haverá uma reviravolta nesta história em favor do povo sofrido, movido pelo poder do Altíssimo.

Não se trata de uma esperança passiva, mas de uma esperança que requer movimento em direção do 'fim'. Daniel recebe a ordem de caminhar em direção do 'fim' ("E tu, caminha para o fim", 12,13a); assim encontrará o descanso e chegará à parte que lhe cabe do seu quinhão (12,13b).

A motivação para a esperança escatológica no apocalipse de Daniel não é um convite à passividade, mas à esperança de que a caminhada em direção do 'fim', que estabelece o 'novum' na história, possibilita a chegada ao descanso, em oposição ao sofrimento, e ao quinhão, em oposição ao domínio.

Ágabo Borges de Sousa
Seminário Batista do Norte
Rua do Padre Inglês 243
50050-230 Recife, PE